

**Universidades Lusíada**

Vasconcelos, João Manuel Maia Serpa de, 1956-

**Do sítio ao lugar**

<http://hdl.handle.net/11067/4950>

**Metadata**

**Issue Date** 2001

**Abstract** O presente artigo refere parte da teoria arquitectónica sobre o lugar. Consequência da falência do paradigma tecno-funcionalista o lugar emerge como um novo paradigma da pos-modernidade. Citam-se alguns dos seus principais defensores, e as estratégias desenvolvidas para alcançar os objectivos propostos. No final alude-se a alguns aspectos que poderão influenciar a problemática futura do lugar....

**Type** bookPart

This page was automatically generated in 2020-03-05T07:22:10Z with information provided by the Repository



## DO SÍTIO AO LUGAR

**JOÃO SERPA DE VASCONCELOS**

### PREÂMBULO

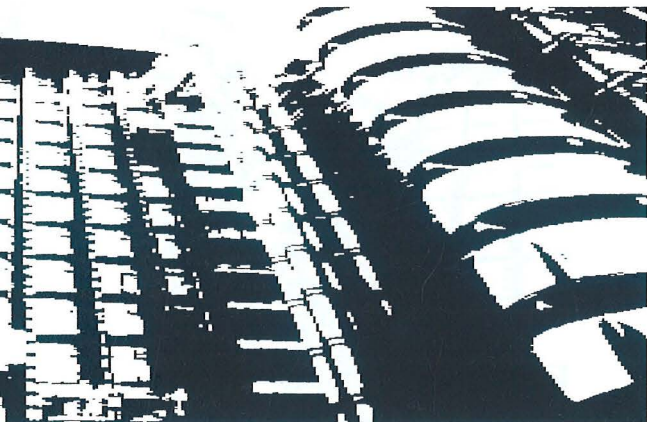
O presente artigo refere parte da teoria arquitectónica sobre o lugar. Consequência da falência do paradigma tecno-funcionalista o lugar emerge como um novo paradigma da pos-modernidade. Citam-se alguns dos seus principais defensores, e as estratégias desenvolvidas para alcançar os objectivos propostos. No final alude-se a alguns aspectos que poderão influenciar a problemática futura do lugar.

“A pergunta que agora começa a roer-te é mais angustiante: fora de Pentesileia existe um fora? Ou por mais que te afastares da cidade, te limitas a passar de um limbo a outro e nunca mais conseguirás sair?”

Italo Calvino, *As Cidades Invisíveis – As Cidades Contínuas* 5, (Editorial Teorema, 1994) pág.159

“The bridge gathers the earth as landscape around the stream... It does not just connect banks that are already there. The banks emerge as banks only as the bridge crosses the stream.”

Heidegger, *Poetry, Language, Thought*. Hofstadter ed. (New York: Harper & Row, 1971), pág.152.



Com o paradigma mecânico da arquitectura moderna esta afastou-se da natureza

## INTRODUÇÃO

Inicialmente o *genius loci* foi apreendido de um modo atávico, reduzindo-se o *topos* ao território etológico. Com o avanço do racionalismo a referência espacial afirma-se. Depois uma apreensão mais global, ultrapassando o simples *topos* e o espaço como abstracção enriquece a noção de lugar enquanto lugar existencial, i. e., um lugar habitável e um lugar plástico (Francastel 1966). Torna-se assim num lugar de potencialidades latentes à espera de um olhar revelador de elementos ocultos, mas virtualmente decifráveis.

O *topos* do *genius loci* corresponde deste modo à *mater natura* da antiguidade e da Idade Média. O espaço abstracto equivale à *res extensa* a partir do séc. XVII. Nos finais do séc. XX torna-se necessário uma nova aliança entre a *gea* e o *logos* numa compreensão enriquecedora (Jacinto Rodrigues 1992).

## SEM LUGAR

### A FALÊNCIA DO PARADIGMA MODERNO

A arquitectura proporciona abrigo, literalmente e simbolicamente, ultrapassando as forças da natureza. Na sociedade pré-industrial a produção de significado em arquitectura baseava-se em referências estruturadas na natureza, ou associadas com ela.

Com o paradigma mecânico da arquitectura moderna esta afastou-se da natureza, criando um ambiente esquemático e sem carácter, mesmo usufruindo dos avanços tecnológicos. Apresentando possibilidades insuficientes para o habitar humano, coloca o problema da posição do homem no mundo natural, e o do significado em arquitectura.

Por outro lado o capitalismo enfatizando o planeamento a curto prazo produziu uma mancha suburbana “motorizada” de máximo lucro e de máximo consumo de solo e energia. Neste contexto económico, político e cultural os arquitectos parecem

incapazes de criar lugares habitáveis.

## LUGAR

### EM BUSCA DE UM NOVO PARADIGMA

A linguagem apenas reconhece, não representa. Tal como a obra de arte traz algo à presença. Este algo é definido por Heidegger como “verdade”. Diz “We must learn to understand that the things themselves are the places and that they do not simply belong to the place”.

Quando as coisas são chamadas pela primeira vez são reconhecidas, e um novo mundo se abre. Do mesmo modo o papel da arquitectura é o de revelar a natureza, construindo lugares para habitar. Neste sentido a arquitectura pode mesmo ser defendida como a construção de lugares, providenciando um suporte existencial que proporcione orientação no espaço, e a identificação com o carácter específico de um lugar.

No período pos-moderno concluiu-se da impossibilidade de um significado definitivo, tanto no pos-estruturalismo como no pensamento desconstrutivista. As preocupações de lugar e significado são então tratadas por estes últimos por noções como o da arbitrariedade do signo comunicativo, já que os signos são interpretados de uma forma não segura, facilmente construídos de vários modos simultaneamente.

Não sendo a linguagem fiável, e tendo-se perdido as grandes narrativas históricas, é necessário um novo consenso que possa ser significativamente representado na arquitectura (Nesbitt 1996).

### DO SÍTIO AO LUGAR

Várias estratégias têm sido prosseguidas pelos arquitectos no sentido da transformação dos sítios em lugares, de molde a enfatizar a especificidade da experiência espacial, e, nalguns casos a ideia do espírito do lugar.

Kevin Lynch, criticando a cidade pós II Grande Guerra, aponta para a necessidade de uma ordem visual memorável no ambiente humano, i. e. , imagibilidade e legibilidade da forma, comunicação e significado. Dos inúmeros livros que publicou neste sentido refiram-se "What Time is that Place" e "Managing the sense of a Region". As suas ideias servirão para suportar as posições fenomenológicas de significado do lugar.

Robert Venturi, com Steven Izenour e Denise Scott Brown desafiam as posições fenomenológicas afirmando, em relação a Las Vegas, que "if you take the signs away there is no place". Os signos publicitários tornam-se arquitectura. Sem *abrigo decorado* ( espaço e estrutura directamente ao serviço do programa, por oposição ao *pato*, forma simbólica global distorcedora dos sistemas arquitectónicos de espaço, estrutura e programa) não há lugar...

Vittorio Gregotti acrescenta duas ideias importantes à corrente neo-racionalista: a de *lugar* e a de *genius loci*. A natureza é uma colecção de coisas materiais cujas razões e relações a arquitectura tem a obrigação de revelar, justificando-se pelas mesmas. O papel do arquitecto é a criação de uma arquitectura de contexto revelando a natureza através de modificação, medida e utilização da paisagem. As intervenções formais revelam a verdade poética do sítio, já que a paisagem e a natureza são a soma de todas as coisas. O ambiente é composto dos traços da sua própria história.

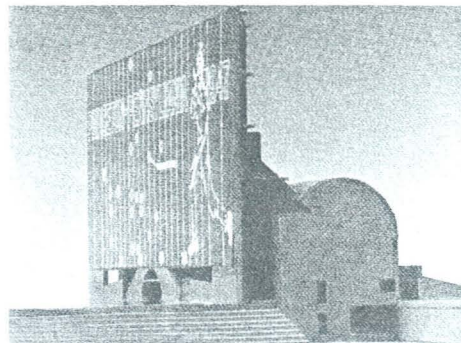
Para ele é a modificação que transforma o lugar em arquitectura. A organização do espaço começa desde a ideia de lugar.

Raimund Abraham propõe uma atitude de intervenção agressiva na paisagem através de um processo de colisão-negação e reconciliação. É a conquista do sítio, a transformação da sua natureza topográfica que manifesta as raízes ontológicas da arquitectura. O desenho é tão somente um acto secundário e subsequente, cujo propósito é conciliar as consequências da intervenção inicial.

Tadao Ando alarga à natureza o conceito Kahniano de compreensão da arquitectura, de que ela seja o que ela quer ser. Diz-nos: "A presença da arquitectura -independentemente do seu carácter intrínseco - cria inevitavelmente uma nova paisagem. Isto



Venturi, Rauch e Scott Brown, "Bill-Ding Board" para o National Football Hall of Fame, maquete 1967.



implica a necessidade de descoberta da arquitectura que o próprio sítio anda à procura". Sem sentimentalismos aspira a transformar o lugar através da arquitectura para o nível abstracto e universal, considerando que apenas deste modo pode a arquitectura repudiar o reino da tecnologia industrial para se tornar "grand art".

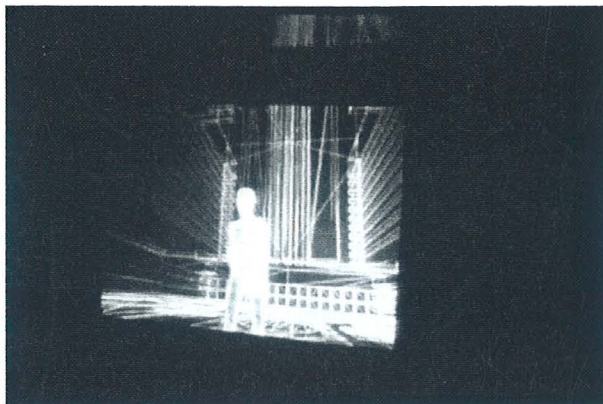
Procura a lógica essencial inerente ao lugar para mostrar as características formais do sítio, juntamente com as suas tradições culturais, clima, elementos do ambiente natural, a estrutura da cidade, os *patterns* vivos, e velhos usos que são projectados para o futuro.

Para além disso, sendo originário de um país onde as formas de exercício espiritual se encontram tradicionalmente desenvolvidas dentro do contexto da inter-relação humana com a natureza, procura uma associação com a mesma, e não a sua oposição no esforço por a dominar.

O *regionalismo crítico* de Kenneth Frampton baseia-se em duas premissas essenciais da arquitectura: um entendimento do *lugar*, e a *tectónica*. Sem pretender prescrever uma estratégia única de abordagem "evoca a essência onírica do sítio, em conjunto com a inevitável materialidade do edifício". Pretende deste modo promover uma arquitectura mais dirigida para os valores espaciais e da experiência, do que orientada para a imagem (entendida esta como uma manipulação do consumidor, e uma forma individualista e narcisíaca). Procura assim uma síntese entre cultura e civilização, que resista à homogeneização universal (Paul Ricoeur 1961).

Para Peter Eisenman a ideia de lugar é negada e reforçada. Enquanto novos lugares são criados, a noção tradicional de lugar é minada, porque cada lugar é actualmente muitos lugares ao mesmo tempo. O resultado é uma mudança das noções de tempo e de espaço. Nega as ideias tradicionais de contexto e presença estética (estrutura cultural), deslocando a essência conceptual

A televisão e a realidade virtual alteram o nosso conhecimento geográfico, e as nossas noções de espaço e de tempo



das estruturas pré-existentes, libertando-as do seu significado primitivo. "The meaning is the relationship; the architecture is between the signs"

Reconhece ainda que a ausência é um factor essencial a uma figura retórica, porque cada sítio contém não apenas presenças, mas também a memória de presenças anteriores, e as imanências de uma presença possível.

## E O FUTURO?

Num mundo onde a metáfora Mc Luhaniana da "aldeia global" se precipita vertiginosamente em realidade, a equidistância e consequente homogeneidade tudo transforma em indiferença de lugar. Quando todos os espaços contam o mesmo, não podemos nós próprios localizarmo-nos, tornando-nos apátridas no nosso próprio país.

A televisão e a realidade virtual alteram o nosso conhecimento geográfico, e as nossas noções de espaço e de tempo. Segundo Eisenman "O paradigma electrónico provoca um forte desafio à arquitectura porque define a realidade em termos de media e simulação, valoriza a aparência em relação à existência". A nossa atitude em relação ao espaço está a ser afectada pela substituição de um paradigma virtual da experiência em vez de uma experiência espacial e táctil do corpo.

As velocidades hoje possíveis diminuem distâncias e encolhem o mundo privilegiando o tempo em detrimento do espaço. O preço a pagar por esta liberdade tem sido a banalidade, e uma ausência de lar. A carência de recursos obriga a uma nova visão ecológica do planeta, a um desenvolvimento sustentado, e a um novo olhar aos possíveis lugares do futuro.

## BIBLIOGRAFIA:

Raimund Abraham, *Negation and Reconciliation*, The Yale Architectural Journal, n°19, 1982  
Tadao Ando, *Toward New Horizons in Architecture*, New York: Museum of Modern Art, 1991



Peter Eisenman, *Architecture and the Problem of the Rhetorical Figure*, *Architecture and Urbanism*, n.º202, July 1987

Kenneth Frampton, *História Crítica de la Arquitectura Moderna*, Editorial Gustavo Gili, 1993

*Prospects for a Critical Regionalism*, *Perspecta: The Yale Architectural Journal*, 20, 1983

Vittorio Gregotti, *Territory and Architecture*, *Architectural Design Profile* 59, n.º 5-6, 1985

Kevin Lynch, *L'Image de la Cité*, *Dunod*, 1976 (MIT 1960)

*De que Tiempo es este Lugar - para una nueva definición do ambiente*, Editorial Gustavo Gili, 1975 (MIT 1972)

*Managing the Sense of a Region*, The MIT Press, 1977

Christian Norberg-Schulz, *Heidegger's Thinking on Architecture*, *The Yale Architectural Journal*, 20, 1983

*The Phenomenon of Place*, *Architectural Association Quarterly*, 8, n.º4, 1976

Jacinto Rodrigues, *Álvaro Siza-Obra e Método*, *Civilização Editora*, 1992

Robert Venturi, Steven Izenour, Denise Scott Brown, *Aprendiendo de Las Vegas - El Simbolismo Olvidado de la Forma Arquitectónica*, Editorial Gustavo Gili, 1998